

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS
CURSO FILOSOFIA (L)

Thiago Radünz da Silva

AS FRONTEIRAS DO SILÊNCIO EM WITTGENSTEIN:
A ÉTICA E A ESTÉTICA NO *TRACTATUS*

Passo Fundo
2021

Thiago Radünz da Silva

AS FRONTEIRAS DO SILÊNCIO EM WITTGENSTEIN:
A ÉTICA E A ESTÉTICA NO *TRACTATUS*

Monografia apresentada ao curso de Filosofia (L), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Filosofia, sob a orientação do Dr. Gerson Luís Trombetta.

Passo Fundo

2021

Thiago Radünz da Silva

AS FRONTEIRAS DO SILÊNCIO EM WITTGENSTEIN:
A ÉTICA E A ESTÉTICA NO *TRACTATUS*

Monografia apresentada ao curso de Filosofia (L), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Filosofia, sob a orientação do Dr. Gerson Luís Trombetta.

Aprovada em __ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Gerson Luís Trombetta

Prof. Andrei Lodea

Prof. Marcelo José Doro

Às minhas mães Juliana e Lora.

À todas e todos os estudantes de renda mínima que
escolheram percorrer sonhos desacreditados.

À todas e todos filhas e filhos de casais
homoafetivos.

A meu pai Xangô. Kaô Kabecilê!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor e minha inspiração Gerson Luís Trombetta, pela paciência desmedida! Obrigado por me ensinar o real valor (inexprimível) da filosofia e da licenciatura. Aos meus amigos e colegas Christopher, Thalia, Marcos, Ana, Sidnei, por todo o apoio, inspiração e muitas lágrimas compartilhadas desde 2017. Vocês definitivamente me ensinaram o que é amizade!

Du, pelo menos essa promessa consegui cumprir! Obrigado por tudo, minha inspiração!
I miss you, like everyday. Oroaûsub. Epahê!

À minha família do extremo sul do país que me fez compreender o verdadeiro significado de ser latino-americano. Minha saudade diária!

Ao Programa Universidade Para Todos (ProUni). Sem esta política educacional, jamais teria pisado em uma universidade.

À todas e todos os professores do curso de Filosofia da Universidade de Passo Fundo que apesar de tudo resistem em acreditar nesse sonho.

Em especial a minha avó Delair das Neves Costa que me inculuiu o sabor da leitura, música e das palavras cruzadas. Eu te amo vó!

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus – ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

(A arte de amar, Manuel Bandeira)

Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.

(Wittgenstein, Tractatus, Aforismo 7)

RESUMO

O silêncio ou o “inefável” fazem parte da ordem das coisas que na filosofia constituem o corolário de preocupações da existência. É interessante observar que nos primórdios da filosofia, Ética, Estética e Lógica eram campos “sem fronteiras” marcando saberes indistintos entre si. Esta maneira de proceder filosoficamente atravessa a história da filosofia e justamente o ofício do filósofo de maneira a perceber inclusive nos contemporâneos certos resquícios de uma filosofia outrora pulsante. É notório que Wittgenstein foi um lógico, mas suas preocupações neste campo convinham a Ética e conseqüentemente a Estética. O programa contido em sua obra magna, *Tractatus Logico-Philosophicus*, escrita em meio a Primeira Guerra Mundial, condensava de maneira enigmática um conjunto de aforismas que formavam um olhar holístico entre estes três pilares da filosofia. O objetivo deste trabalho foi justamente esclarecer os pontos que condensam uma visão de mundo que se expressa na fase mais conhecida de seu trabalho contida no aforismo 7. A obra analisada foi o *Tractatus Logico-Philosophicus*, em especial os aforismos que tocam nas questões éticas a partir do 6 ao 7. Conclui-se que não há como dissociar a visão ética das preocupações inquietantes do primeiro Wittgenstein, visto que a Lógica contida no *Tractatus* diretamente ou indiretamente refere-se às aporias existenciais do próprio filósofo e que em certa medida foram fundamentais para a própria construção da obra. Quanto a metodologia a ser utilizada para o presente trabalho, a rigor, será utilizada de uma interpretação dos conceitos contidos na trama filosófica do filósofo fruto de uma pesquisa bibliográfica da obra mencionada. 1) Pretende-se apresentar a concepção ontológica de forma a introduzir e preparar o terreno para, logo após, 2) adentrar no núcleo central do trabalho que será as reflexões éticas e estéticas presentes na obra analisada. Dentre destes dois elementos centrais do presente trabalho, analisar-se-á em que medida conceitos como mística, silêncio e o inefável serão centrais para a concepção de linguagem do filósofo austríaco.

Palavras-chave: Wittgenstein. Ética. Silêncio. Estética. Filosofia. *Tractatus Logico-Philosophicus*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. A FILOSOFIA <i>TRACTATIANA</i>: ORIGENS DOS PROBLEMAS FILOSÓFICOS DO “PRIMEIRO” WITTGENSTEIN.....	10
1.1. Wittgenstein (Parte I): o “lado direito”: tremores lógico-existenciais de Wittgenstein.....	10
1.2. O problema filosófico do <i>Tractatus</i> : a que a obra responde?.....	11
1.2.1. Mapa da estrutura temático-proposicional do <i>Tractatus</i>	12
1.2.2. A realidade enquanto gravura: A Teoria Pictórica da Linguagem (<i>Bildtheorie</i>).....	13
1.2.2.1 A Teoria Pictórica: uma “imagem” da correspondência entre linguagem e mundo....	14
1.2.2.2. Traçando o limite da Linguagem (I): A Teoria da Função de Valores de Verdade....	17
1.2.2.3. Traçando o limite da Linguagem (II): Doutrina do <i>Mostrar</i> e do <i>Dizer</i> e prelúdio para a Filosofia do Silêncio no <i>Tractatus</i>	20
2. PRELÚDIO À UMA FILOSOFIA DO SILÊNCIO.....	22
2.1. Wittgenstein (Parte II): o “lado esquerdo”: tremores ético-estéticos do <i>Tractatus</i>	25
2.2. Ética.....	25
2.2.1. A vontade é inefável.....	26
2.2.2. Modo de vida <i>sub specie aeterni</i>	28
2.2.3. A Ética e o problema da possibilidade de sua fundamentação.....	31
2.3 Estética do Inefável.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

O jovem Wittgenstein é reconhecidamente entendido, por diversos autores ingleses, como um filósofo lógico. Isto se deve ao fato de que o próprio filósofo adentrou nas preocupações filosóficas através da filosofia da matemática, teoria do conhecimento, ciência e consequentemente da lógica. Neste campo, o autor extraiu parte dos conceitos-chave de diversos autores como Frege, Russell, Hertz e Boltzmann, Mauthner, o que representou para ele um panorama efervescente de inquietações. Tal movimento de compreender primeiro esta parte da constituição do problema filosófico que o filósofo austríaco encetaria na sua única obra publicada, facilita a compreensão panorâmica do espírito tractariano em contraste com a segunda compreensão da obra, a saber a parte ético-existencial.

É através do contraste entre as duas dimensões que produziram a arquitetura tractariana que se faz possível perceber as diferenças de “dentro” e “fora” da obra. Conforme Pinto (1998, p. 47), os cadernos que dariam origem ao *Tractatus* foram, de maneira peculiar, escritos da seguinte forma: do lado direito Wittgenstein redigia suas observações acerca da *lógica* e do lado esquerdo, postulava suas elucubrações ético-existenciais. Inclusive, é interessante notar que, Pinto (1998, p.30) constata duas tradições de leitura e interpretação da obra do autor austríaco. Há uma, vinculada a tradição inglesa que ressalta a importância de aperceber e esclarecer apenas as preocupações lógicas do filósofo. Em outra direção, há aqueles intérpretes e comentadores que direcionam seus esforços para extrair teorias éticas que na realidade são muito obscuras na própria obra do autor.¹ De qualquer forma, separar as duas formas de leitura e trata-las de forma arbitrária incorre-se no perigo de esgotar o primeiro pensamento wittgensteiniano. De tal modo que urge a necessidade de uma visão sistemática da filosofia contida no *Tractatus* na medida em que tenta balancear as duas orientações de leitura.

O plano do presente trabalho se dá em três tópicos principais que servem de base para os subtítulos que buscam esclarecer, ponto a ponto, o corolário de questões éticas e estéticas do *Tractatus*. No primeiro tópico, há a introdução sob o que poderia ser considerado “um dos lados” das inquietações do primeiro Wittgenstein, com base na ideia de contraposição e interdependência debatida entre ética e lógica na obra. No segundo tópico, há uma espécie de imersão ao tema da ética com todas as implicações contidas no *Tractatus*. E logo em seguida no terceiro e último item, detém-se nas implicações estética que não, necessariamente, se distanciam das questões ética, na medida em que constituem a tese central deste trabalho que é

¹ O próprio Wittgenstein acreditava que a última parte – muito provavelmente que se referia, por exemplo, a proposição 7. - do *Tractatus* era fundamental para entender o “espírito” da obra (PINTO, 1998, p. 31).

apresentar uma unidade que a visão tractariana implica sobre as questões filosóficas de matrizes aparentemente distantes, a saber: Lógica, Estética e Ética.

1 A FILOSOFIA *TRACTATIANA*: ORIGENS DOS PROBLEMAS FILOSÓFICOS DO “PRIMEIRO” WITTGENSTEIN

1.1. Wittgenstein (Parte I): o “lado direito”: tremores lógico-existenciais Do *Tractatus*

O *Tractatus* é um caso daquelas obras “atípicas”. Publicado em 1921, mas escrito no *front* da Primeira Guerra Mundial², esta obra pertence a alguém que realmente se desafiou – de forma ousada – a abalar as estruturas do pensamento contemporâneo. No entanto, esta suposta pretensão foi consequência do “espírito rebelde” que gestou a duras penas teses tão incisivas e singulares colocadas em uma estrutura argumentativa milimetricamente engendrada. Não obstante, diferentemente de muitos pensadores clássicos da tradição filosófica, não tenciona escrever, pois, um *manual* (WITTGENSTEIN, 2017, p. 125). Semelhante atitude encontramos nas *Meditações* ou no *Discurso do Método*³, pois se trata necessariamente de um *experimento*. O plano pré-inicial não diz respeito a uma teorização especulativa, como alguns autores chamaram a atenção para o perigo de “recortar a obra ao meio” e olhar apenas para uma das faces. Até porque há sim genuinamente um *problema filosófico* com diversas dimensões dentro da Filosofia⁴. Em outras palavras, a obra não tenta resolver apenas um problema ético, lógico, ontológico ou linguístico, mas um problema – propositalmente ou não – de dimensões sistemáticas que conversa com estas áreas. Isto se deve ao fato de que a resposta filosófica a todo problema desta espécie, conforme Porta (2014, p. 40), algumas vezes de maneira inconsciente, tem a pretensão de *totalidade*. Além disso, o *Tractatus* é *autofágico*. Ele pretende, conforme seu autor (2017, p. 125), na medida em que dissolve os problemas filosóficos, oriundos de um problema filosófico generalista, se finalizar ao cabo de seu entendimento pleno. O problema é que ainda não se entendeu “por completo” o *Tractatus*, pois há passagens e caminhos neste mausoléu - lembrando uma típica obra expressionista - que ainda são obscuras e por vezes tortuosas. Mas há uma maneira oferecida pelo autor e pelos seus intérpretes que ajuda, em certa medida, a dirimir esta aporia que o livro, à primeira vista, aparenta. Sendo assim, a primeira chave de leitura no *Prefácio* do livro pode dar uma pista do problema

² De acordo com Condé, além do *Tractatus*, os *Diários* ou *Notebooks (Tagebücher)* foram gestados entre 1914 – 1916, enquanto soldado do exército austríaco.

³ Entretanto, de maneira curiosa, Wittgenstein diz (2017, p. 125): “Quanto aos meus esforços coincidem com os de outros filósofos não quero julgar. Com efeito, o que escrevi aqui não tem, no pormenor, absolutamente nenhuma pretensão de originalidade; e também não indico fontes, porque me é indiferente que alguém mais já tenha, antes de mim, pensado o que pensei.”

⁴ Enquanto área do conhecimento.

filosófico a que Wittgenstein pretende (2017, p. 125) resolver: “Poder-se-ia talvez apanhar todo o sentido do livro com estas palavras: o que se pode em geral dizer, pode-se dizer claramente; e sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.” Portanto, qual é o problema a que o *Tractatus* pretende responder?

1.2. O problema filosófico do *Tractatus*: a que questão responde?

Toda obra filosófica responde a um problema da mesma espécie. Não é diferente para o *Tractatus*, visto que há claramente uma pretensão exposta pelo próprio Wittgenstein que diagnostica o problema e aduz tacitamente seu método (e solução),

O livro trata dos problemas filosóficos e mostra – creio eu – que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica de nossa linguagem. [...] pretende, pois, traçar um limite para o pensar, ou melhor – não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos: a fim de traçar um limite para o pensar, deveríamos poder pensar os dois lados desse limite (deveríamos, portanto, poder pensar o que não pode ser pensado. (WITTGENSTEIN, 2017, p. 125)

Referente a passagem acima, é importante destacar que para Wittgenstein (2017, p. 167), a filosofia é uma *atividade* ao invés de uma *teoria*. Mas que tipo de atividade é a filosófica? Ora, o filósofo não quer responder uma questão filosófica a partir de uma resposta filosófica. À primeira vista é estranho constatar tal maneira de proceder no problema, no entanto, a filosofia enquanto atividade, diz Wittgenstein (2017, p. 167), é uma atividade *elucidatória*⁵. Todavia, ainda não foi traçado objeto de estudo e nem sequer o problema filosófico o qual faz menção. Então, conforme Condé (1998, p. 65), sua preocupação “[...] é definir a natureza da linguagem e sua relação com o mundo, vale dizer, como descrever o mundo através de um sistema de representação perfeito”. Destarte, os problemas genuinamente filosóficos que são derivados deste esboço panorâmico de preparação para serem enfrentados são: 1) O que é a linguagem? 2) Qual é a sua essência? Como se verá mais a frente, os elementos conceituais-linguísticos detêm chaves importantes para se entender também a proposta do autor em questão. Por exemplo, na proposição 5.4711, Wittgenstein diz (2017, p. 209): “Especificar a essência da proposição significa especificar a essência de toda descrição e, portanto, a essência do mundo.” Há também uma estrutura de apresentação que, ainda de acordo com Condé (1998,

⁵ De acordo com a proposição 4.112, “A filosofia não é uma teoria, mas uma atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em elucidações. O resultado da filosofia não são ‘proposições filosóficas’, mas é tornar proposições claras. Cumpre à filosofia tornar claros e delimitar precisamente os pensamentos, antes como que turvos e indistintos.” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 167). Até porque os objetivos desde Frege, passando por Russel até o autor em questão, era de precisar *um ideal de linguagem perfeita*, livre de ambiguidade e a atividade filosófica por excelência tratar-se-ia de uma atividade de limpeza da *linguagem ordinária*. Cf. RIBEIRO, 2005, p. 82.

p.44), se relaciona com os quatro eixos temáticos – de acordo com cada uma das sete proposições. Assim ficaria⁶:

Quadro 1 (mapa conceitual do Tractatus):

Concepção ontológica	1. <i>O mundo é tudo o que ocorre.</i>
	2. <i>O que ocorre, o fato, é o subsistir dos estados de coisas.</i>
Teoria do Conhecimento	3. <i>Pensamento é a figuração lógica dos fatos.</i>
Estrutura da Linguagem	4. <i>Pensamento é a proposição significativa.</i>
	5. <i>A proposição é uma função de verdade das proposições elementares. (A proposição elementar é uma função de verdade de si mesma).</i>
	6. <i>A forma geral da função de verdade é $[p, x, N(x)]$. Esta é a forma geral da proposição.</i>
Ética	7. <i>O que não se pode falar deve-se calar.</i>

Este quadro trata-se apenas para efeito figurativo das teses que serão dirimidas aqui pela reconstrução teórica do panorama conceitual contido no *Tractatus*. Neste sentido, limitar-se-á apenas a dizer que cada grupo temático trata de pontos temáticos da obra com o intuito de alocar cada proposição geral. Pois estas, como pontapé inicial, simbolizam chaves de algumas portas do castelo tractariano. Deste modo, do primeiro ao segundo grupo (de proposições), em linha com Condé (1998, p. 44), expõe-se uma concepção de mundo que diz que “mundo” não é concebido como a totalidade das *coisas*, mas sim dos *fatos*⁷. O terceiro, tem como pano de fundo a resposta para o problema do pensamento (e de como ocorre o conhecimento a partir desta faculdade) em que Wittgenstein diz (2017, p. 139) que o pensamento é a *figuração dos fatos*. No quarto até o sexto grupo se esboça a estrutura (lógica) da linguagem que será, propriamente, a *concepção wittgensteiniana de linguagem*. No sétimo, a obra ganha seu ponto máximo em que é reconhecida justamente pela máxima silenciadora e constitui, desta forma, uma alusão à concepção ética que toda obra possui.⁸ Diante deste panorama geral, é necessário acrescentar que Wittgenstein (*apud* CONDÉ, 1998, p. 49), estava preocupado em descobrir a

⁶ Construo um quadro comparativo com as sete proposições em acordo com os eixos temáticos para efeito didático que depois servirá como referencial para aprofundar algumas das teses posteriores do *Tractatus*. Uso como base a sequência proposta por Condé (1998, p. 44).

⁷ Estes conceitos serão tratados em cada um dos itens subsequentes no momento em que tecermos a trama teórico-conceitual de cada tese modular do *Tractatus*.

⁸ Basicamente, esta proposição em especial, para os objetivos deste trabalho monográfico, terá importância fundamental.

natureza da *Proposição*.⁹ Para entender melhor como este panorama funciona é necessário analisar os três momentos iniciais da obra e que formam a sua compreensão geral. A saber: 1) A Teoria da Figuração Proposicional (ou Teoria Pictórica da Linguagem), 2) A teoria da Função de Verdade e 3) A Doutrina Denotacional (ou do *dizer* e do *mostrar*). Com base nisso, pode-se formular o problema filosófico de Wittgenstein da seguinte maneira: *O que pode ser dito claramente?*

1.2.2 A realidade enquanto gravura: A Teoria Pictórica da Linguagem (*Bildtheorie*)

“A proposição é uma figuração da realidade” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 157). Esta proposição indica a introdução da teoria da figuração proposicional. Entende-se também que a proposição constitui com as coisas uma correspondência. Neste sentido, a função essencial da linguagem seria a de *representar* o mundo. É por esta concepção de linguagem e mundo que Wittgenstein é visto muitas vezes como um *apriorista* com inúmeras ligações com Kant. Por outro lado, esta influência teórica remonta meados de 1903 a 1912, quando o filósofo da linguagem entra em contato com obras de teorias científicas dos grandes autores do século XIX. Mais especificamente as teses de Ludwig Boltzmann e Heinrich Hertz, que juntos desenvolveram a fundamental *teoria dos modelos*. De acordo com Monk (1997, p. 40), a obra prestigiada pelo então jovem Wittgenstein foi *Princípios da Mecânica*, de inspiração justamente kantiana no que tange a sua teorização e argumentação acerca dos possíveis modelos lógico-matemáticos de ciência que possibilitariam fundamentar os fenômenos naturais. Na esteira de Pinto (1998, p. 82), tais autores usaram a terminologia *Bildner* para se referir as imagens criadas por um observador dos objetos externos. No arranjo que a percepção do observador faz dos objetos observados, ele articula as propriedades de tais objetos de acordo com critérios desorganizados. A partir desta constatação, é possível fundamentar certos critérios que possam dirimir as “verdadeiras” imagens daquelas que são percebidas de forma distorcida. Neste movimento, Hertz postula (*apud* PINTO, 1998, p. 84) que é possível criar uma teoria de representação da realidade baseada não apenas na realidade empírica – ou mecânica – e se distanciar também de diversos conceitos newtonianos que se esgotaram no discurso científico. É possível perceber aqui que estes autores, propunham uma análise (crítica) do discurso científico que buscava através de fundamentos lógicos, resolver certas inconsistências deste próprio discurso no que tange a busca por uma representação fidedigna da realidade natural. O

⁹ Conforme Condé (1998, p. 49), o *Tractatus*, se chamaria de *A Proposição (Der Satz)*, pois, este elemento tem uma importância singular na obra wittgensteiniana da primeira época, visto que é a parte constitutiva de como a linguagem se mostra, inclusive sua possibilidade.

modelo que se usou por bastante tempo na ciência estava esgotado, portanto, era necessário buscar bases mais sólidas para sua fundamentação. Neste sentido, a proposta hertziana tinha como mote apresentar sistemas ou modelos que “[...] não são derivados da experiência, mas correspondem a construções lógicas das quais podem derivar fatos da experiência” (PINTO, 1998, p. 85). Todavia, é necessário reter-se apenas em um conceito, deste cenário teórico, que será importante para a teoria *tractatiana* tempos depois. Este conceito é o de *Bild* que significa não apenas “imagem”, mas “modelo”. Este conceito também se vincula com ainda dois que são *Vorstellung* e *Darstellung* em que literalmente significam *representação*. Mas a nível semântico, o primeiro possui uma conotação subjetiva enquanto o outro mais objetiva – ambos no sentido de *demonstrar*. Tais concepções dialogarão bastante com os fundamentos do *Tractatus*¹⁰. De qualquer modo se pressupõe que há “algo em comum” entre a estrutura do mundo e a linguagem. Tal essência do mundo e da linguagem correlatamente é “a” *lógica*¹¹. Mas quais são os elementos contidos dentro desta visão de linguagem e mundo e como ela funciona?

1.2.2.1 A Teoria Pictórica: uma “imagem” da correspondência entre linguagem e mundo

Para explicar a teoria pictórica que a concepção de linguagem e mundo no *Tractatus*, é necessário que se esclareça alguns elementos que fazem parte desta mesma tese. Primeiramente, a proposição (*Satz*) não é apenas um discurso simplista de nomes contidos em si mesmos, ou seja, sem qualquer significação. Aliás, significado, como se verá a seguir, está diretamente atrelado à proposição. De acordo com Trombetta (2002, p. 134), um discurso se refere a algo que aconteceu em determinados espaços de tempo. Enuncia um evento. A proposição, neste sentido, sempre descreve algo com base nos elementos que a constituem. Mas quais são estes elementos?

Um discurso é constituído por proposições que por sua vez são constituídas por nomes. Os nomes, diz Wittgenstein (2017, p. 145), não podem ser desmembrados, ou seja, constituem uma *unidade atômica*¹². Esta unidade contém em si a possibilidade de uma proposição. Em

¹⁰ Em relação a possíveis aproximações entre os autores, a concepção de filosofia de Hertz vincula-se a ideia de esclarecimento principalmente dos pressupostos em que partem todos os cientistas. É necessário que se estabeleça limites em relação as elucubrações que levam a descobertas. Neste sentido, para o físico a filosofia é sobretudo uma atividade de *preparação e esclarecimento*. Para um melhor aprofundamento, Cf. PINTO, 1998, p. 88.

¹¹ Condé explica que “lógica” aqui não pode ser entendida como “a” lógica que comumente se conhece. Mas “uma” lógica tal que pressupõe o fundamento ontológico do mundo e da linguagem e possibilita a relação entre ambos. Portanto, “lógica” tem um sentido ontológico, mais que a lógica puramente falando. Para mais esclarecimentos, Cf. CONDÉ, 1998, p. 52, nota de rodapé.

¹² Ou *átomos lógicos*. Cf. CONDÉ, 1998, p. 53.

outras palavras, as proposições, sejam elas quais forem, para serem efetivamente consideradas proposições, devem conter nomes. No entanto, não basta somente contê-los, é “necessário”¹³ que tais elementos tenham como referência algum objeto para poderem fazer sentido. Além disso, os *nomes*, sozinhos, não possuem sentido¹⁴. Os objetos, por sua vez, constituem aquilo que se convencionou chamar de *denotação* (*Beudeutung*). Este último termo significa justamente a referência que um nome faz a alguma coisa (objeto). Não obstante, um nome não faz sentido algum, pois a sua referência (o(s) objeto(s)) ocorre no mundo. Isto quer dizer que uma proposição, ao mesmo tempo que estabelece uma relação com o mundo, é a relação também. Ora, os nomes que estão dentro da proposição, ao fazerem menção a algum *fato* do mundo, dão a entender que possuem uma *lógica* que sedimenta tanto a dimensão da linguagem quanto a dimensão daquele (o mundo). Glock (1998, p. 260) diz a respeito dos nomes, “[...] por conta de seu CONTEXTUALISMO, isso significa apenas que eles se relacionam com a realidade de forma direta, e não que tenham significado isoladamente.” Por outro lado, esta relação na linguagem (a proposição) ocorre no mundo porque os objetos possuem também uma (possibilidade de) relação¹⁵ entre si, chamada de *estado de coisas* (*Sachverhalt*). A combinação dos objetos que estão no mundo é chamada de *fatos*. Todavia, Wittgenstein define *mundo* como “[...] totalidade dos fatos, não das coisas.” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 129). Neste sentido, a noção de *fatos* traz a ideia de que os objetos não são imutáveis, ou inertes no espaço, mas a dinâmica existente no *espaço lógico*¹⁶ que denota a possibilidade de combinação entre os objetos, é o que diferencia duas ideias (CONDÉ, 1998, p.53): 1) *Conjunto de objetos*: como sendo os objetos que subsistem no mundo; e 2) *Estado de coisas*: constitui a possibilidade dos fatos ocorrerem através da – também possibilidade de – combinação dos objetos entre si. Portanto, estado de coisas e conjunto de objetos se referem a dimensão ontológica da linguagem. Em contrapartida, as proposições se referem a dimensão linguística da linguagem. Ambos respectivamente, para ocorrerem e fazerem sentido, possuem uma relação lógica possibilitada por esta ordem *a priori* da relação biunívoca entre mundo e linguagem.

A proposição elementar, além do nome, é uma unidade atômica. Ela, por ser uma proposição, representa também um estado de coisas (possível) no mundo. Mas, à figura um *fato*

¹³ Como se verá depois, a necessidade de um nome fazer menção a um objeto, no contexto da teoria do *valor de verdade* é um tanto ambígua, pois, existe uma grande diferença entre a proposição *fazer sentido* e *ser verdadeira*.

¹⁴ Diferentemente de Frege, o filósofo do *Tractatus* postulava que os nomes sozinhos não fazem sentido.

¹⁵ Para efeito didático, esta relação pode ser denominada de *combinação*. Ou seja, os objetos possuem a *possibilidade de combinarem entre si*.

¹⁶ Além de constituir uma possibilidade, Condé define (1998, p. 53) também, que espaço lógico comporta o *estado de coisas subsistentes* no mundo. Portanto, espaço lógico é *estado de coisas possíveis* e *estado de coisas subsistentes*. Cf. WITTGENSTEIN, 2017, p. 135.

elementar. Isto é um reduzido *estado de coisas atômico*. Estes são chamadas assim, pois quando se efetua uma análise lógica dos fatos, ao dissolvê-los, chega-se em sua unidade primitiva, isto é o fato atômico. E por conseguinte, “[...] a proposição elementar, enquanto retrato lógico desse fato (estado de coisas atômico), também não admite análise ulterior.” (CONDÉ, 1998, p. 53). Seria a análise lógica dos fatos levada às últimas instâncias. Para esclarecer melhor, um exemplo de proposição elementar é “Jair é verde”. Esta proposição, na análise lógica, não admite que se a reduza mais ainda, pois se tornaria completamente sem sentido já que um nome isolado não o possui. Em contrapartida, as *proposições não-elementares*, são a soma das proposições elementares. Neste sentido, “Jair é verde e come abacaxi”, é uma proposição complexa, pois soma duas proposições elementares, a saber, 1) Jair é verde e 2) Jair come abacaxi.

Como dito anteriormente, a teoria da figuração trata da relação entre mundo¹⁷ e linguagem através da descrição desta correlação. Pode-se dizer que esta relação se denomina de *isomorfismo*, ou seja uma relação equivalente entre a proposição e um estado de coisas. Assim, para cada elemento que constitui uma proposição, “deve” também corresponder algo no mundo dos fatos. Nesta perspectiva, é possível retomar uma noção da proposição como sendo um quadro que representa um evento. Desta forma, a *forma lógica (Form der Abbildung)* indica:

[...] a possibilidade de os elementos da figuração relacionarem-se com a figura, do mesmo modo como as coisas se relacionam umas com as outras no fato. Assim, somente através de uma forma lógica em comum com a realidade¹⁸, uma figura pode representar essa realidade. (CONDÉ, 1998, p. 54)

Embora a ideia de proposição como quadro seja lícita, para a melhor compreensão do que Wittgenstein quer dizer com “correspondência” da teoria pictórica¹⁹, aquela não possui uma concepção de “plasticidade” literal que realmente um quadro possui (CONDÉ, 1998, p. 55 – 56). Wittgenstein concebe a figuração enquanto *formas* – no sentido abstrato - que assemelham tanto no mundo da linguagem quanto no mundo dos fatos. Na esteira de Arruda (2019, p. 08), a linguagem tem um sentido *imagético* que se refere mais a estrutura da correspondência entre mundo e linguagem. Neste sentido, é possível *mostrar* a forma da figuração, como Wittgenstein explicita (2017, p. 139) na proposição 2.2: “A figuração tem em comum com o afigurado a forma lógica da afiguração.” Mas note-se bem que é apenas possível mostrar esta relação entre

¹⁷ Já que neste caso mundo é a totalidade dos fatos e linguagem é a totalidade das proposições.

¹⁸ Em outras palavras, a forma lógica dos nomes corresponde a forma lógica das coisas.

¹⁹ Esta correspondência pode ser concebida como *Relação Pictorial*. De acordo com a proposição 2.1513(WITTGENSTEIN, 2017, p. 137): “Segundo essa concepção, portanto, à figuração pertence também a relação afiguradora, que a faz figuração.”

a proposição e o fato e não a descrever²⁰. Em relação a este último aspecto²¹, na proposição 4.121 lê-se o seguinte:

A proposição não pode representar a forma lógica, esta forma se espelha na proposição. O que se espelha na linguagem esta não pode representar. O que *se exprime* na linguagem *nós* não podemos exprimir por meio dela. A proposição *mostra* a forma lógica da realidade. Ela a exhibe. (WITTGENSTEIN, 2017, p. 169)

Em síntese, a teoria pictórica tem por objetivo demonstrar a função essencial da linguagem através da explicitação da relação lógica entre linguagem e mundo. No paradigma desta tese, estes dois domínios se correspondem através de uma série de elementos que os constituem. Cada elemento demonstrado até aqui pertence, de acordo com suas definições, a um domínio, seja da linguagem ou do mundo. Mas resta saber, qual é o papel do sentido nesta tese e ao mesmo tempo como se dá a verificação da existência dos fatos, bem como a possibilidade de demonstrá-los.

1.2.2.2 Traçando o limite da Linguagem (I): A Teoria da Função de Valores de Verdade

O que se torna bem claro e evidente até aqui é que Wittgenstein propõe uma delimitação, inclusive espacial da linguagem. Delimitar este espaço, é aperfeiçoar a linguagem deixando-a à prova de erros. Conforme Marques (1995, p. 185), “[...] circunscrever o limite de tudo o que pode ser expresso na linguagem e chegar, com isso, a um entendimento crítico do propósito final da atividade filosófica.” Mas quais são esses erros?

Sabe-se que um dos objetivos da busca pela linguagem ideal em detrimento da linguagem ordinária, é a estruturação de uma linguagem a prova de erros. Estes se dão pela ambiguidade da própria linguagem. E esta ambiguidade só se dá quando se pergunta pelo sentido das proposições. Não obstante, a função da filosofia no *Tractatus* é “[...] traçar os limites do dizível, isto é, estabelecer as condições do discurso significativo.” (LANDIM, 1982, p. 36) O *dizível* aqui tem um papel importante para encontrar a noção de *sentido* e *verdade*. Pois, Wittgenstein está imerso em uma tradição da filosofia lógica clássica que de acordo com Landim (1982, p. 37), tem como problemas duas questões: 1) a possibilidade de descrição linguística realidade e 2) a objetividade desta representação. Neste sentido,

²⁰ De acordo com Filho (1982, p.40), a teoria pictórica surgiu de uma intuição do filósofo ao ver um *esquema* gerado para explicar um acidente automobilístico em um jornal. Este exemplo, esclarece melhor a proposta wittgensteiniana de representação não como descrição puramente do real, mas menção ao *modo* como os elementos tanto da linguagem e do mundo se relacionam.

²¹ E também Cf. HADOT, 2014, p. 29.

A noção de sentido diferencia-se, portanto, da noção de verdade, embora as frases significativas sejam ou bem verdadeiras ou bem falsas. O sentido da frase não é assim bem fixado independentemente das condições de verdade, embora possa ser determinado independentemente do seu atual valor de verdade. Portanto, só as frases que podem ser verdadeiras ou falsas têm sentido²²; pode-se compreender uma proposição verdadeira ou mesmo falsa, mas não se pode compreender uma proposição que não é nem falsa, nem verdadeira. (LANDIM, 1982, p. 38)

A Teoria do Valor de Verdade corresponde a outra dimensão da Teoria Pictórica na medida em que traz consigo a ideia de *funções de verdade*. Como dito, no trecho acima, uma proposição, para fazer sentido, necessita *poder* ser verdadeira ou falsa. Isto é, poder corresponder com a realidade que pretende mostrar ou não. Retomando a noção das proposições elementares, Wittgenstein (2017, p. 179) diz na proposição 4.25 do *Tractatus*: “É verdadeira a proposição elementar, então o estado de coisas existe; é falsa a proposição elementar, então o estado de coisas não existe”. Em linhas gerais, o filósofo quer dizer que uma proposição (elementar) é o caso se e somente se corresponder a um fato (atômico), visto que aquela sempre descreve um estado de coisas. Deste modo, o problema do sentido está intimamente vinculado com a análise das proposições elementares. Pois, de acordo com a proposição 4.022, no *Tractatus*, “A proposição *mostra* seu sentido. A proposição *mostra* como estão as coisas *se* for verdadeira. E *diz* que estão assim.” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 159). Em outra proposição (4.031), Wittgenstein esclarece ainda mais, “Na proposição, uma situação é como que montada para teste. Pode-se dizer sem rodeios: esta proposição representa tal e tal situação – em vez de: esta proposição tem tal e tal sentido” (2017, p. 161). Pois, a análise que a Teoria do Valor de Verdade propõe é justamente experimental. Para se verificar se uma proposição verdadeira, é necessário demonstrá-la fazendo menção a ela em um presente estado de coisas. Por exemplo, “[...] isto é o caso de[...]” ou “[...] isto *não* é o caso de[...]”, ou conforme Landim (1982, p. 41), deve ser *pública*. Ora, na análise lógica do discurso, ao dissolver as proposições não-elementares (ou complexas) em suas unidades semânticas (proposições elementares), pode se obter o valor de verdade deste mesmo discurso. Mais especificamente, de uma proposição (complexa) X que dela se deriva P e Q, podemos verificar que P é verdadeiro e Q é falsa, ou seja, confrontamo-las com a realidade para ver se correspondem de fato a um estado de coisas. Se não for o caso, é falso e conseqüentemente a proposição complexa será ambígua. Para

²² De acordo com Trombetta (2002, p. 138), o Princípio da Bipolaridade possui uma historicidade anterior a Wittgenstein, pois remonta aos confrontos no campo da linguagem entre Platão e Aristóteles. Este último formulou este princípio justamente com base na diferenciação entre *sentido* e *valor de verdade*. O primeiro seria a *abertura* para a proposição ser falsa ou verdadeira e quanto ao segundo é a possibilidade da correspondência com a realidade.

verificar com mais exatidão como funciona esta análise lógica do valor de verdade das proposições, Wittgenstein aperfeiçoou a *tabela de verdade* e ela tem o seguinte formato:

Quadro 2 (Tabela-Verdade):

P	Q	P e Q	X
V	V	V	V
V	F	F	F
F	V	F	F
F	F	F	F

Esta tabela tem por função demonstrar as condições de verdade de uma proposição. Ela tem também por objetivo demonstrar a relação entre verdade e falsidade de uma proposição elementar qualquer (CONDÉ, 1998, p. 58). E existem dois desdobramentos das proposições que passam pelo crivo da análise lógica da tabela da verdade: 1) a *tautologia* e a 2) *contradição*. No caso acima, é possível perceber que a primeira linha de proposições foram verificadas e ambas foram asseveradas como verdadeiras. Logo, a proposição complexa X será uma tautologia. De tal modo que esta última se caracteriza por ser o caso quando todas as possibilidades de as proposições em questão serem verdadeiras. Ao contrário, na contradição, caso haja a possibilidade de uma proposição não ser o caso (ser falsa), “contaminará” a proposição complexa asseverando-a como falsa. Se chove (se é o caso de P), logo não pode “não chover” ($\sim P$). Basicamente, a tautologia rememora o Princípio da Não-Contradição. Neste sentido, a contradição exime as proposições de possibilidades de combinações entre si justamente por sua correspondência (onto)lógica com o mundo. Não obstante, proposições desses dois tipos não correspondem necessariamente com a realidade. Não é possível demonstrar uma contradição, apenas sabe-se que ela existe. Logo, proposições desses tipos servem apenas para demonstrar as propriedades lógicas do mundo e da linguagem. Conforme o parágrafo 6.12:

Que as proposições da lógica sejam tautologias, isso *mostra* as propriedades formais – lógicas – da linguagem, do mundo. Que suas partes constituintes, *assim* enlaçadas, resultem numa tautologia, isso caracteriza a lógica de suas partes constituintes. Para que proposições, enlaçadas de determinada maneira, resultem numa tautologia, elas devem ter determinadas propriedades estruturais. Que *assim* ligadas resultem numa tautologia, portanto, mostra que possuem essas propriedades estruturais. (WITTGENSTEIN, 2017, p. 235)

1.2.2.3 Traçando o limite da Linguagem (II): Doutrina do *Mostrar* e do *Dizer* e prelúdio para a Filosofia do Silêncio no *Tractatus*

A proposição 4.1212 é o ponto de partida mais claro para começar unir o aspecto ontológico e lógico das teses tractatianas com as primeiras noções das questões ético-existenciais. Ela diz tacitamente: “O que *pode* ser mostrado não *pode* ser dito” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 169). Talvez esta seja uma das bases da filosofia do *Tractatus*, pois esta mesma ideia está presente desde o *Prefácio* e inclusive constitui o fechamento da obra. Trata-se, para Wittgenstein, da tarefa mais importante da filosofia, a saber de estabelecer as fronteiras entre aquilo que pode ser dito (*gesagt*) e não dito – apenas *mostrado* (*gezeigt*). Na perspectiva de Martins (2016, p. 636), a visão de linguagem tractatiana é *reificada*, pois apenas através destes limites – bem delimitados – é possível ou não aquele tipo de linguagem. Neste sentido, *dizer* é representar um fato enquanto *mostrar* é algo irrepresentável (HADOT, 2014, p. 28). O interessante a se notar nesta distinção é que se compreende quase que invariavelmente a fronteira a linguagem e o ser humano onde é observada na compreensão ontológica e isomórfica daqueles dois polos em relação. É um “chocar-se contra as paredes da linguagem”, visto que aqueles estão emaranhados pela teia desta. Destarte, a doutrina do *mostrar* e do *dizer* terá um impacto enorme em diversas direções, a saber, na filosofia, na estética e inclusive na religião. A concepção de linguagem tractatiana absorve toda a gama de problematizações oriundas de outros temas. Mas qual é a estrutura deste outro pilar da teoria tractatiana? De que trata ocorrência do mostrar e a permissibilidade (ou sua negação) do dizer?

De acordo com Condé (1998, p. 61), existem três tipos de noções acerca da doutrina do *mostrar*. Em outros termos, existem três conceitos de *mostrar*. O primeiro deles, refere-se a uma noção de *mostrar externo* correspondentemente a noção tomada anteriormente da relação isomórfica da linguagem – neste caso gesticulada – e um *estado de coisas*. A *estrutura externa da proposição* (por exemplo sua enunciação pela fala ou gesto) corresponde ao *estado de coisas* explícito num fato. Já a segunda concepção, diz respeito ao *mostrar interno* o qual é justamente relacionado ao *não-representável* – despossuído de significado (denotação) -, ou seja, aquilo que não pode ser representado²³. E, por último, na terceira concepção está o *mostrar místico*²⁴ relacionado ao *inefável*, ou seja, aquilo que não pode ser dito e nem representado²⁵. Além disso,

²³ Para especificar uma classe de coisas que Wittgenstein joga para o terreno da não-representatividade Cf. GLOCK, 1998, p. 129.

²⁴ Mais a frente se tratará do significado de Místico no *Tractatus*.

²⁵ Vide a proposição 6.522: “Há por certo o inefável. Isso se *mostra*, é o Místico.” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 261)

a teoria do significado é de assaz importância para desvendar esta doutrina. O “significado” aqui é o nome. Este substitui a coisa (objeto) na proposição com sentido. Ao substituir, o objeto é *mentalizado* (*Meinein*, ou se tem em mente), pela figuração, que significa também, neste ato de substituição, significar. Trata-se de uma *imagem* construída na *mente*. Neste sentido, e já relacionando com os três tipos de *mostrar*, não se pode, por exemplo definir *entidades abstratas*. Difere-se, também, problemas linguísticos de problemas filosóficos (clássicos). E neste sentido Wittgenstein trava a diferenciação entre três tipos de proposições: 1) Proposições com *sentido* (*Sinnvoll*), 2) proposições *sem sentido* (*Sinnlos*) e 3) proposições *insensatas* ou *absurdas* (*Unsinnig*)²⁶. O primeiro grupo pertence a classe de proposições *contingentes*, aquelas que realizam a figuração e que são possíveis. Pertencem ao terreno da ciência, pois de acordo com o princípio da bipolaridade, as proposições científicas são passíveis de serem falseadas ou asseveradas, pois possuem sentido. No segundo grupo, as tautologias (e as contradições) que exprimem a relação lógica entre as proposições são as representantes deste grupo. Trata-se das proposições da lógica e da matemática. E, por fim, no terceiro grupo estão as proposições formadas por nomes *sem significado* e dizem respeito a filosofia, ética e estética, pois as proposições destas matérias não possuem correspondência na realidade. Por exemplo, versar sobre a existência ou não de Deus, do Belo e do Bem são nomes que não possuem uma *denotação* (referência) em um *estado de coisas*. Deste modo, fica suspensa, à primeira vista, a possibilidade de estabelecer um terreno ético – a modo tradicional da filosofia – no *Tractatus*. No entanto, como se verá, isto apenas constitui uma aparência da profundidade que a obra traz consigo. Até aqui, os momentos que foram tocados, tentaram fornecer as chaves para abrir as portas do pensamento tractariano. É necessário ter em mente os elementos filosófico-lógicos da obra para poder compreender uma parte de sua totalidade. A outra, diz respeito ao terreno da ética. O que Wittgenstein postula como necessário para se proceder em relação a existência com base no método filosófico *tractariano*?

²⁶ Vide proposição 4.003. Cf. WITTGENSTEIN, 2017, p. 155.

2. PRELÚDIO À UMA FILOSOFIA DO SILÊNCIO...

A desilusão wittgensteiniana tem por resultado uma crise de consciência. Tal esfacemento da razão deriva-se do método que Wittgenstein emprega e tem como fundamento a análise lógica da linguagem. Trata-se de fixar os limites para liberar a linguagem mirando a liberdade do que se convencionou, nos estudos sobre o *Tractatus* a margem da ética, de *mística*, isto é: problemas que fogem do dito (e que são os que verdadeiramente interessam ao homem)²⁷. Até aqui, percebe-se de certo modo que a essência da linguagem não aparece no mundo de maneira que seja possível descrevê-la. Todavia, só pelo fato de existir mundo (e respectivamente linguagem) podemos confiar que existam ambos essencialmente.

Como fora dito anteriormente, Wittgenstein por influências das experiências de guerra interessou-se pelo misticismo religioso e ético em que pese as influências de Tolstói, Kierkegaard, Tagore e Schopenhauer (GLOCK, 1998, p. 254). É a luz da lógica e da metafísica que é possível vislumbrar o misticismo, na medida em que as propriedades lógicas da linguagem evidenciam a presença daquele. Ainda assim, é possível vislumbrar um pouco desta noção ética a partir da distinção entre *dizer* e *mostrar* conforme fora feito em seções anteriores deste mesmo trabalho. Esta distinção, mais que apontar os limites da lógica e da metafísica também convida a pensar sobre os limites que nos põem diante de questões dos valores relativos a ética, estética e religião. O místico é a *modo de ser* daquilo que se convencionou chamar de *inefável*: aquilo que não pode ser posto em palavras. Ou ainda de acordo com o próprio autor “[...] isso se *mostra*, é o Místico.” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 261) Ainda, no que tange a esfera de valores onde o misticismo se apresenta, distancia-se (e deve se distanciar) das invasões periclitantes e insistentes das posições empíricas e científicas. Percebe-se este fenômeno não apenas na distinção entre os três tipos de proposições efetuados pelo filósofo austríaco, mas na distinção entre lógica e mística. Ora, as proposições lógicas figuram um estado de coisas que se mostra nos fatos do mundo (empíricos). Mas,

Não há, entretanto, *nenhuma* proposição genuína que mostre, por exemplo, o valor ético – embora seja plausível supor que este se mostre nas ações e atitudes das pessoas, como no conto de Tolstói, ‘Os três eremitas’, que Wittgenstein admirava. (GLOCK, 1998, p. 255)

²⁷ Vide o aforismo 6.4311: “A solução do enigma da vida no espaço e no tempo está *fora* do espaço e do tempo.” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 259).

A concepção de Wittgenstein ainda acerca do místico consiste em três pontos fundamentais. Primeiro, 1) a questão do “problema da vida”, pois diz que ainda mesmo que haja uma resolução completa de todos os problemas científicos, aquele ainda estará intacto.²⁸ Em segundo, 2) o misticismo também trata de uma atitude (ou um sentimento) de contemplação do mundo *sub specie aeternitate*, isto é, o mundo contemplado ontologicamente em sua totalidade limitada²⁹. Além disso, a 3) ética e a estética fundamentam-se em uma atitude de *aceitação do mundo*³⁰. E 4) por último, a concepção da morte como sendo ela mesma “irreal” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 259). Neste sentido, considerando esta estrutura esquemática do misticismo tractariano, é interessante retomar o ponto anteriormente tratado da diferenciação entre as diferentes proposições. Em especial a noção de proposição com sentido (*Sinn*). De acordo com Glock (1998, p. 255), a noção técnica empregada por Wittgenstein na obra, se relaciona apenas com as proposições e não necessariamente com a vida e o mundo. Por quê? Porque a vida e o mundo são experiências místicas, isto é, demonstradas e não necessariamente convencionadas pela figuração das proposições. Deus, para Wittgenstein, é identificado como o “significado da vida”. Isto quer dizer que não é tomado como uma entidade metafísica como costumeiramente se concebeu, mas como pertencente à estrutura do mundo. Isto não quer dizer que ele seja idêntico a como mundo é, mas que de fato *seja*. Aquilo que evidencia a possibilidade de haver mundo e suas estruturas de sentido correlatas. Mesmo assim, “[...] embora o *Sinn* provido por Deus não resida em valores morais ou espirituais específicos, é ético por natureza, uma vez que corresponde ao ‘desaparecimento do problema da vida’, como decorrência da aceitação feliz do mundo como ele é.” (GLOCK, 1998, p. 255) Ao falar de Deus, Wittgenstein tenta demonstrar que Deus é o *modo como as coisas estão*, mas assim como o sentido da vida, do mundo e o destino, tais elocubrações transcendem esse mesmo mundo.

O misticismo é uma atitude. É também um sentimento.³¹ O sentimento de que nada do que ocorra, no todo limitado do mundo pode surpreender a ponto de atemorizar ou desiludir. Com seu vínculo em relação ao *inexprimível*, o misticismo é um paradigma, pois deve necessariamente ser mostrado e não dito. É o conteúdo de uma atitude ou experiência da vida. É a prova da existência do mundo. A forma de que este último se apresenta não pode ter nenhum valor. Em outras palavras é insensato valorar os acontecimentos do mundo, pois estes fazem

²⁸ Aqui já percebemos também uma posição não-positivista de Wittgenstein que constitui, fatalmente, uma divergência entre Russel, Karnap e o Círculo de Viena em relação a aquele.

²⁹ Vide aforisma 6.45: “A intuição do mundo *sub specie aeterni* é sua intuição como totalidade – limitada. O sentimento do mundo como totalidade limitada é o sentimento místico.” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 259)

³⁰ Sobre este ponto se discorrerá mais a frente.

³¹ Cf. HADOTc, 2014, p.38.

parte do problema e não sua solução. A experiência que Wittgenstein aponta no Prefácio do *Tractatus* de ao cabo da leitura e da compreensão objetivada por ele que se traduz na atitude que se fala aqui, esta

[...] “experiência” em questão deve ser possuída por alguém que compreenda as proposições em sua forma não analisada, não como um episódio mental consciente, mas como algo implícito em seu pensamento. É necessário apenas o conhecimento de que há uma totalidade de objetos simples e de estados de coisas existentes, e que a essência ou forma geral das proposições é dizer como as coisas estão. Saber isso é saber que o mundo possui limites, o que pode ser descrito como conhecer o mundo como um todo limitado. (GLOCK, 1998, p. 256)

A atitude mística que é contemplativa se revela no olhar para com o mundo *sub specie aeternitatis* como algo que existe por si só onde a lógica, estética e ética não estão separadas completamente, mas formam a tríade de condições para que o mundo exista de natureza transcendental. Esta atitude ética também se relaciona a maneira como se olha para o mundo. Neste sentido, a atitude visada é a de “contentar-se” com o modo como as coisas estão dispostas no mundo e este é o ponto nevrálgico das teses éticas do *Tractatus*. Pois também converge a discussão entre vontade boa ou má, vida feliz e infeliz. O objetivo de toda discussão sobre a ética.

2.1 Wittgenstein (Parte II): o “lado esquerdo”: tremores ético-estéticos do *Tractatus*

6.421: *É claro que a ética não se deixa exprimir.*

A ética é transcendental.

(Ética e estética são uma só).

(WITTGENSTEIN, 2017, p. 257)

Foi dito até aqui que há uma “impossibilidade” aparente de se dizer coisas que deveriam apenas ser mostradas. Também foi, de certa maneira, dito que o *Tractatus*, apenas por seu conteúdo (seja lógico ou não), não é decididamente a conclusão do livro. A conclusão revela-se mais na temática da obra que propriamente de seu conteúdo. Tanto é assim que o aforismo 7 se revela tacitamente desta maneira: “Sobre aquilo de que não se pode falar (*sprechen*), deve-se calar” (WITTGENSTEIN, 2017, p. 261). Deste modo, mesmo que não se possa dizer o indizível, é possível *falar* sobre ele. Mesmo que não se possa dizer nada em matéria de Ética e Estética, no entanto é possível falar sobre os problemas e as questões ético-estéticas (DALL’AGNOL, 2005, p. 118).

2.2. Ética

A ética contida em Wittgenstein não é uma teoria. Para compreender melhor esta ideia, é necessário que se retome algumas noções sobre as teorizações éticas feitas por grandes pensadores que, de certo modo, influenciaram a concepção wittgensteiniana do “problema da vida”. Ainda, quando se fala em questões éticas, normalmente se discute conceitos como vontade, sujeito volitivo, exercício da vontade, vida feliz, modo de vida e etc. Tais elementos, no fundo, apresentam a constelação provocativa do tema da Ética. Recorre-se, por exemplo, ao conceito de *Eudaimonia* de Aristóteles para demonstrar que a Ética, enquanto um campo do saber, visa transformar a vida prática em uma vida feliz. Mas essa demonstração, não necessariamente coincide com a tendência de transformá-la em uma “matéria” tão somente. A filosofia prática não necessariamente está sobre a filosofia especulativa no que tange ao *Tractatus*, mas ela é tão preponderante quanto esta. Quando se fala em “filosofia especulativa”, se diz que a lógica é propedêutica em relação a “filosofia prática”. Basta, novamente, retomar noção aristotélica da finalidade de estudar a filosofia enquanto uma disciplina que visa conduzir a um modo de vida. Em *Ética a Nicômaco*, se diz,

Em grande parte, a excelência intelectual deve tanto o seu nascimento quanto o seu crescimento à instrução (por isto ela requer experiência e tempo); quanto à excelência moral, ela é o produto do hábito, razão pela qual seu nome é derivado, com uma ligeira variação da palavra ‘hábito’. É evidente, portanto, que nenhuma das várias formas de excelência moral se constitui em nós por natureza, pois nada que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito. (ARISTÓTELES, 1999, 1103b)

E ainda,

Qual a finalidade de estudar filosofia, se ela apenas vos capacita para falar com certa plausibilidade sobre algumas questões obtusas de lógica, etc., e não melhora a vossa maneira de ver as questões importantes da vida cotidiana, nem vos torna mais conscientes do que qualquer jornalista, no uso das frases PERIGOSAS, que tais pessoas usam para os próprios fins? (ARISTÓTELES apud DALL’AGNOL, 2005, p. 119)

Em que pese as diferenças entre os autores, algo da tradição³² foi legado para a noção ética tractariana. No fundo, pergunta-se em que medida as implicações éticas, o modo como se

³² “[...] a filosofia aristotélica é uma filosofia da *theoria*, essa *theoria* aristotélica não é, todavia, puramente teórica no sentido moderno da palavra, e isso por duas razões: primeiramente, porque Aristóteles compartilha com todos os filósofos antigos a ideia de que a contemplação ou conhecimento da verdade só pode ser resultado de um exercício pessoal”. (HADOT, 2014, p. 284)

proceder com a vida, as ações com valor moral, são apresentados “na” obra. Já foi mencionado que o livro possui duas partes. E é na segunda parte que está contida toda noção ética que Wittgenstein propõe. Todavia há um detalhe: é a parte *não escrita*.

2.2.1 A vontade é inefável

6.43: *Se a boa ou má volição altera o mundo,
só pode alterar os limites do mundo, não os fatos;
não o que pode ser expresso pela linguagem.*

(WITTGENSTEIN, 2017, p. 259)

Para planos de aprofundamento, é necessário retomar a distinção entre dizer e mostrar, pois a relação entre falar e calar estão naquele horizonte. Neste sentido, a questão da *vontade* é assaz importante para compreender que existem tipos de vontades que não podem ser ditas. Além disso, é interessante ter em mente quatro noções que são os pilares desta discussão e são elas: 1) A ideia de que toda proposição *mostra o que diz*; 2) Existem *pseudoproposições* que não dizem absolutamente nada, todavia, mostram tão somente o que tenta se dizer; 3) E a tese de que toda tentativa de dizer aquilo que apenas pode ser mostrado é fatalmente considerado *contrassensos*; Por último, 4) o *indizível* pode apenas ser mostrado. Mas qual é o papel da vontade em relação aos limites do mundo?

De acordo com Dall’agnol (2005, p. 121), há uma influência de extrema importância do filósofo Schopenhauer em Wittgenstein que se traduz na noção de vontade. O filósofo austríaco extrai de *O Mundo como Vontade e Representação* a noção de que todos compartilham de uma vontade comum. A representação do mundo é minha representação, pois coincide com minha vontade que é justamente a vontade do mundo. No entanto, a vontade enquanto *coisa-em-si* e conseqüentemente como essência do mundo, é o ponto de cisão entre os dois filósofos. Há uma distinção entre bom e mau no sujeito volitivo em que pese a dependência do valor da ação moral em relação à vontade. No final das contas, “[...] as coisas adquirem importância somente em relação à vontade.” (DALL’AGNOL, 2005, p. 121). Pois, a vontade é uma atitude frente ao mundo. E além disso, o *ato volitivo*, que depende da vontade, não é o causador da ação moral, mas ela mesma. Além disso, a vontade se expressa na representação. Outra diferença entre Wittgenstein e Schopenhauer, acerca da vontade e da representação do mundo, é a ideia de transformar aquela em coisa-em-si, pois o filósofo austríaco não aceita a metafísica schopenhauriana. Ainda assim, para Schopenhauer (apud DALL’AGNOL, 2005, p. 122), o sujeito está imbricado no mundo e não é necessariamente um

puro sujeito. É um indivíduo com seu corpo. O seu comportamento corporal se traduz pelas suas ações onde se revela a Vontade. O corpo é vontade e representação simultaneamente. É neste sentido que vontade e ação são idênticas, mas ao mesmo tempo a vontade é influenciada pelas representações. Pois, de acordo com a noção kantiana de representação das leis segundo princípios racionais (DALL'AGNOL, 2005, p. 123), toda ação visa tornar a representação real, ou seja, uma proposição verdadeira. Não obstante, há uma independência entre vontade e mundo. Justamente pelo fato de que a relação entre estes dois elementos são contingentes. A proposição “Eu gostaria (Q) que chovesse (P)” demonstra que não há sentido em colocar uma conexão necessária entre sujeito e mundo. Isto, afinal, demonstra que a ação, ela mesma, é contingente. Desta relação independente entre vontade e mundo, pode se deduzir também que nada no mundo pode condicionar a vontade necessariamente. Entre Schopenhauer e Kant, há uma convergência interessante com Wittgenstein que demonstra melhor esta noção.

2.2.2 Modo de vida *sub specie aeterni*

Ainda na esteira de Schopenhauer (apud DALL'AGNOL, 2005, p. 124), a vontade é a única coisa que é fruto da ação livre. Ela não pode ser exaurida de liberdade. Esta noção dos remete aos antigos estoicos e pode ser explicada da seguinte maneira:

Para eles, toda a infelicidade dos homens provém de buscarem alcançar ou manter bens que correm o risco de não obter ou de perder e de buscarem evitar males que frequentemente são inevitáveis. A filosofia vai então educar o homem para que busque alcançar apenas o bem que pode obter e busque evitar apenas o mal que pode evitar. (HADOT, 2014a, p. 23)³³

O critério ético que guia esta maneira de conceber a vida é justamente a liberdade da vontade. O que depende de nós é justamente (e somente) o bem e o mal moral. A facticidade do mundo, com todas suas incongruências, é algo que nos implica em sofrimento, dor e principalmente angústia. Mas ainda para os antigos (e respectivamente para Schopenhauer), filosofar – ou conduzir a vida a partir da noção *sub specie aeterni* – é ter consciência enquanto se vive liberando assim da noção estritamente individual que nos empurra ao abismo das agruras da vida, para “[...] se reconhecer como parte de um cosmo animado pela razão; livremente, renunciando a desejar o que não depende de nós e que nos escapa, para se ater apenas ao que

³³ Optou por diferenciar as duas referências do mesmo autor separando-as por “a” e “b”. Quando falamos de “a”, nos referimos a *Exercícios*. Quando a “b”, nos referimos a obra *O que é a filosofia Antiga?* E “c” em *Wittgenstein e os limites da Linguagem*.

depende de nós – a ação reta conforme a razão.” (HADOT, 2014a, p. 31). Neste caminho a vontade pode ser *afirmada* ou *negada*. Quando negada se diz que o mundo inteiro *decrece*, quando afirma o mundo *crece* como um todo. Nesta última condição, a vida adquire, a partir deste olhar, uma metamorfose apoteótica onde o próprio conceito de individuação ganha uma armadura contemplativa acerca da facticidade e das representações do mundo. O desejo, outrora cego e encarniado de paixões, aprisionado pelo tempo, se libera na condição do conhecimento, da consciência de si e da reflexão. Há uma alegoria interessante acerca deste modo de vida desenhada pelo próprio filósofo do Véu de Maia.

Tal como, em meio ao mar enfurecido que, ilimitado em todos os quadrantes, ergue e afunda vagalhões bramantes, um barqueiro está sentado em seu bote, confiando na frágil embarcação; da mesma maneira, em meio a um mundo de tormentos, o homem individual permanece calmamente sentado, apoiado e confiante no *principium individuationis* [princípio de individuação]”. (SCHOPPENHAUER apud NIETZSCHE, 2007, p. 27)

Tal alegoria ajuda a compreender justamente a afirmação da vontade na medida em que mostra a imagem deste barqueiro que se vê em uma situação (exterior) completamente hostil, mas dentro de si, possui a consciência clara de sua própria vontade que não é negado mesmo pela sua situação. Mas qual seria o oposto desta condição? O que seria a negação da vontade – a metamorfose do olhar ao avesso? Se pela fruição intelectual há um direcionamento dessa vontade que não cessa, a negação da vontade é justamente a ruptura completa com o querer. O conhecimento é um calmante geral para a angústia, mas quando nem ele mesmo oferece uma estrutura de sentido para a existência, é necessário apelar para uma espécie de *ascese*. Este último modo de vida se reduz a negação *constante* da vontade. O luto também pode ser considerado uma negação da vontade, pois quando se perde alguém que se ama, necessariamente a vontade cessa e recolhe-se. Mas ainda assim, outra maneira de negar a vontade, é através da *experiência estética do mundo* (DALL’AGNOL, 2005, p. 125). Em linhas gerais, para esta maneira que Schopenhauer compreende o modo de vida ético *sub specie aeterni*, negada a vontade consegue-se a *felicidade transcendental*. Não obstante, não é de fato uma doutrina niilista, apenas aponta, simplesmente, a liberdade da vontade ante a sua afirmação e a sua negação.

Para Wittgenstein (apud DALL’AGNOL, 2005, p. 126), o modo *sub specie aeternitatis* converge com Schopenhauer, na medida em que aceita a ideia de que proceder eticamente é renunciar dominar os acontecimentos do mundo visando uma liberdade que ao mesmo tempo

o controla³⁴. A vida mística *sub specie aeternitatis* visa o desaparecimento do problema da existência. Neste panorama o sujeito (que é portador da vontade) é o limite do mundo. Isto quer dizer que a possibilidade de negar sua própria vontade o torna, novamente, livre. Mas essa liberdade se exercita não na “preferência” dos fatos que “gostaria” que acontecesse ou não e sim na possibilidade de *hierarquiza-los*. Ainda que seja equivocado proceder dessa maneira. A maneira de olhar eticamente o mundo é tendo consciência de que os fatos tem a mesma importância ética: nenhuma. Neste sentido, não se trata de agir passivamente em relação ao mundo. Pois seria ingênuo proceder dessa maneira, conforme Schopenhauer, os estoicos e entre outros pensadores. Wittgenstein observa que “mudar os limites do mundo” designa dispor todos os fatos no mesmo pedestal. “Mudar os limites do mundo significa modificar as relações da vontade com a totalidade dos fatos” (DALL’AGNOL, 2005, p. 128). Não há necessariamente uma submissão da vontade, apenas estabelecimento de um limite para o que pode ou não a vontade. Em relação a este horizonte ético de Wittgenstein, é possível afirmar que “[...] o filósofo austríaco questiona o fato de fazer uma pergunta em um lugar onde não existem maneiras ou recursos para respondê-la positivamente, nas proposições da linguagem.” (LAUREANO, 2005, p. 67). Em suma, referir-se a vida como sendo “problemática” é reconhecer que a vida não está ajustada a determinada forma da vida. É imperativo nesse caso, mudar a própria vida para adequar-se, em que pese o sentido desta adequação, à forma. O importante, neste caso, é olhar a “maneira” como se deseja. O mundo independe da vontade e diferente do que Schopenhauer acreditava, Wittgenstein considera que tanto a negação como a afirmação do mundo são absurdas, pois trata-se de uma artimanha de controlar a facticidade do mundo. Além de perceber uma suposta conexão metafísica com nossa vontade e o mundo, aposta-se nela e de qualquer modo se incorrerá ao sofrimento. Neste sentido, Wittgenstein define em alguns pontos a palavra “adequação”: 1) Aconteça o que acontecer, nada pode me surpreender; 2) Aceito o que acontecer; 3) Sou digno dos acontecimentos em minha vida; 4) Estou à altura dos fatos; 5) Me encontro nas mãos de Deus ou do Destino. No entanto, Deus ou Destino aqui não é entendido como um fato específico, mas sim como a totalidade dos fatos. Mais especificamente,

O homem “desperto está, sem cessar, perfeitamente consciente não somente do que faz, mas do que é, isto é, de seu lugar no cosmos e de sua relação com Deus. Essa consciência de si é, primeiramente, uma consciência moral, ela busca realizar a cada instante uma purificação e uma retificação da intenção: ela vela a cada instante para não admitir nenhum outro motivo para a ação

³⁴ Interessante notar que esta maneira de proceder converge coincidentemente com a ideia oriental *wu wei* contida na filosofia taoísta da não-ação. Conforme Lao Zi (2017, p. 75) “Desejar conquistar o mundo e nele intervir: vejo que isso não se deve fazer. Quem nele intervém, fracassa. Quem o retém, perde-o.”

exceto a vontade de fazer o bem. Essa consciência de si, porém, não é somente uma consciência moral, ela é também uma consciência cósmica: o homem “atencioso” vive sem cessar na presença de Deus na “lembrança de Deus”, consentindo com alegria à vontade da Razão universal e vendo todas as coisas com o olhar do próprio Deus. (HADOTa, 2014, p. 73)

Deste modo, a utilização da linguagem (e conseqüentemente a filosofia) deve ser somente para figurar estados de coisas. Em outras palavras, a linguagem serve para dizer apenas aquilo que pode ser dito e mostrar aquilo que tão somente pode ser mostrado. Mas, quais são os limites postos dentro das discussões éticas precisamente (ou sobre a Ética)? É possível uma fundamentação da Ética a maneira kantiana ou de outros sistemas?

2.2.3. A Ética e o problema da possibilidade de sua fundamentação

7.: Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.

(WITTGENSTEIN, 2017, p. 261)

A Ética não pode tencionar se tornar uma ciência das ações. Este argumento requer uma diferenciação proposta por Dall’agnol (2005, p. 139) entre duas maneiras de “calar” provocadas por Wittgenstein. Há uma maneira de *calar* no sentido 1) *lógico-filosófico* e num sentido 2) *trivial*. Antes disso, é necessário também, conforme propõe, uma distinção entre dizer e falar. Dizer, neste caso, é precisamente figurar proposicionalmente um estado de coisas (*Sachverhalt*) que necessariamente pretende ser verificado se é o caso ou não (ou, verdadeiro ou falso). É o caso dos exemplos anteriormente dados nos três tipos de proposições exemplificadas no *Tractatus*. As tautologias e absurdos, quando faladas não dizem absolutamente nada. O sentido trivial de calar é justamente “[...] silenciar nada falando”. (DALL’AGNOL, 2005, p. 139). E a outra maneira é apenas de não tentar dizer aquilo que não se diz. As especulações lógico-filosóficas, de encontro a essa advertência, não necessariamente encontram uma espécie de censura a ponto de não poder falar sobre. É possível falar sobre o indizível em filosofia e, de fato, é o que mais se faz. Entretanto, é necessário apenas respeitar a impossibilidade lógica de querer figurar um estado de coisas com proposições filosóficas. Apontar para a estrutura da linguagem e do mundo, a maneira de dizer que elas existem empiricamente é uma maneira de atentar contra os limites da linguagem. Tentar dizer a essência da linguagem (e respectivamente) do mundo é também ir contra a as barreiras da própria linguagem e produzir absurdos. O último aforismo do livro *Tractatus* se direciona ao calar de modo “lógico-filosófico”. Conforme Dall’agnol (2005, p. 140), no *Tractatus*, a Ética é uma corrida contra os

limites da linguagem de maneira que tenta se dizer o que não pode ser dito. Então, neste caso, é preferível que se cale. Não há quietismo, mas antes de evitar confusões (*Geschwätz*)– isto é definir o bom em si, qual é o valor do conhecimento da Ética, se é possível definir valores. Não obstante, se fala sobre os valores que se deve seguir cotidianamente, juízos de valores e normas. Este fenômeno é a prova contra aqueles que poderiam alegar ingenuidade do filósofo austríaco de que se trata de um sentido específico de calar e que se dirige a tentativas de fundamentar a ética filosoficamente. As convicções morais do homem comum são perfeitamente legítimas neste contexto. Por que a Ética não pode ser fundamentada? Porque produz contrassensos visto que quando utilizada a linguagem filosófica de maneira a querer produzir proposições sobre estados de coisas neste campo, necessariamente incorre-se ao absurdo. A ciência se serve da linguagem, pois produz proposições legítimas sobre estados de coisas. O fenômeno descrito pela ciência é legítimo. No entanto, quando o mesmo tipo de linguagem se translada para a Ética, se afunda o navio. Mais uma vez: nenhum fato tem valor ético. Atribuindo valor ético a um fato na pretensão de fundamentar a vida ética, recorre-se a falácias naturalísticas: produz-se pseudoproposições.

A incoerência de atribuir a partir de uma fundamentação da Ética utilizando princípios universalização de um critério é uma evidência de que se produz absurdos. Imagine-se a seguinte situação: em um estado de calamidade, uma doença se prolifera entre as pessoas por via respiratória. Todavia, há maneiras de evitar as “chances” de se proteger. Uma delas é utilizando aparatos para isso. Tais aparatos dependem de sua qualidade. Alguns são melhores que outros. Alguns são de mais difíceis acessos que outros. Acrescido a essa primeira dificuldade, um jovem se apaixona por outro jovem. A doença faz com que eles tenham de ficar em isolamento social por um ano. Quais seriam os critérios morais válidos a serem tomados? Esta pergunta só poderia ser genuinamente respondida quando consideradas as devidas proporções e a vivência de cada um. Ainda que, mesmo que se pretenda universalizar o critério de que é necessário que se evite o contato, no final das contas é apenas um critério. Não há critério último que permita julgar uma ação como acertada. Pode ser que tais jovens estejam devidamente vacinados, ou ao se encontrar procurem tomar todas as providências para dar mais flexibilização as exigências sanitárias. Sendo assim,

Um dilema moral mostra que não faz sentido querer fundamentar a Ética. Estamos diante de casos limites e somente poderíamos afirmar: “Que Deus o ajude!” Neste caso, a universalização das normas de ação seria trivial. Não poderia servir de critério absoluto de decisão. Sempre podemos perguntar: o que fundamenta o critério fundante? Como justificamos o critério de justificação que legitima uma regra? E assim, *ad infinitum*. Ora, isto é absurdo.

Portanto, não pode existir fundamento último para a Ética. (DALL'AGNOL, 2005, p. 147)

A grande questão que gira em torno desta “dedetização” da linguagem ao discorrer filosoficamente sobre a Ética, é justamente coibir a pretensão de cientificidade. Tal fato separaria Wittgenstein dos positivistas que faziam parte do Círculo de Viena. Muito menos as pretensões de uma teologia da ação moral. A *ciência de Deus*, isto é, a teologia se prova também como um absurdo, pois tenta dizer algo sobre Deus que figura um estado de coisas, visto que ciência só descreve fatos. A moral não necessita de fundamento nenhum, pois é uma pergunta que não necessita de resposta. Enfim, podemos dizer que o *Tractatus* é, antes de mais nada, um *ato ético* (DALL'AGNOL, 2005, p. 154), pois ele mostra a maneira de proceder com o silêncio diante do absurdo. O sentido ético do *Tractatus* se mostra na Estética.

2.3. Estética

É plausível dizer que o programa de Wittgenstein busca reunir os três saberes que outrora foram os principais para construir uma cosmovisão da realidade, a saber, Ética, Lógica e Estética. O olhar *sub specie aeternitatis*, enquanto uma atitude ética, é também estética (e com condições lógicas da realidade). De acordo com Laureano (2005, p. 69), o belo está para a visão contemplativa da realidade fora da temporalidade. Fora do tempo, o objeto é exaurido de sua materialidade e apresenta suas possibilidades lógicas de combinação. Assim, “[...] o milagre estético da existência pode ser descrito como a experiência igualmente ética do assombro diante do fato de que há uma linguagem” (LAUREANO, 2005, p. 69). Ética, estética e lógica são os três pilares para a maneira de contemplar o mundo seguindo a ideia fundante de *sub specie aeternitatis*. A estética, a maneira da ética são transcendentais no sentido kantiano na medida em que compartilha a ideia de colocar o sujeito como indicativa da destituição das propriedades do objeto no olhar fenomenológico. Trata-se de um *modo de percepção* acerca dos objetos e não propriedades dos objetos, como outrora as categorias se apresentavam. A arte neste modo *sub aeterni species* é aquilo que independe de todo acontecer, pois é um objeto pertencente a totalidade do mundo limitado e que ao mesmo tempo pertence a eternidade. Neste caso, a arte conduz ao olhar feliz em relação a vida. Pois, ela destitui a temporalidade legando o sujeito a eternidade do presente. A lógica e a estética estão conjuminadas, pois operam sob *o modo da eternidade*. “[...] na arte a visão contemplativa permite o acesso, ou seja, a visão, impressão desta eternidade que neste sentido, é estética.” (LAUREANO, 2005, p. 84) A arte se manifesta por si mesma, é autônoma, ela se mostra. É uma expressão que não recorre a linguagem

figurativa se manifestando, sim, pela *metáfora*. É justamente por este elemento que ela consegue se mostrar sem dizer. A obra de arte deve suscitar o assombro na medida em que ela mesma permite o olhar *sub specie aeterni*. É inevitável que isso ocorra, pois ela é a expressão de todas as possibilidades do eterno. Ela já é. A obra de arte mostra a maneira correta de se viver, pois mais uma vez, mostra que todos os fatos do mundo não possuem relevância a ponto de transpor uma hierarquia perpetrada pela vontade. Ela obriga ao sujeito – ou convida – a assumir uma atitude frente a vida em relação ao modo da eternidade de viver, pondo fim a problemática da existência. Assim,

Para o autor do *Tractatus Logico-Philosophicus*, a arte, por sua via contemplativa, permite a visão da eternidade. O modo da eternidade destitui a sucessão temporal. Tal destituição permite o rompimento da tensão trágica entre destino e vontade. Eis, aí, a dissolução do problema da existência. Quando é alcançada a total indiferença diante dos fatos não há mais razões para agir com base em móveis. A felicidade, ou o olhar feliz da arte reside na dissolução do conflito no éter da eternidade. (LAUREANO, 2005, p. 86)

Se, para Wittgenstein, Ética e Estética possuem o mesmo estatuto, poderia se considerar que uma obra de arte é também um ato ético? Todas as produções éticas são tentativas – mesmo que frustradas – de propor um modo de vida estético? Estas aporias são solucionadas quando se resgata a ideia de experiência mística de uma obra de arte. Esta experiência se traduz na questão do assombro. Ou melhor, a experiência é autofágica que conduz ao silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou, na medida do possível, imergir em uma obra de difícil acesso como o *Tractatus Logico-Philosophicus* em que pese as contribuições significativas que Wittgenstein legou a tradição. O trabalho de pesquisa girou em torno da tese de que a obra demonstra, como muitas outras obras que de certa forma reservam consigo uma “pertença” a tradição filosófica, uma unidade em contraposição a disciplinaridade exigida por diversos filósofos. O ofício filosófico, neste prisma, não se trata tão somente de separar as questões filosóficas em “matérias” diferentes, mas em transpor os limites intrínsecos às diversas problematizações que a humanidade traz consigo. Limites esses que se procurou evidenciar a partir da diferenciação do que é pensável, daquilo que não é. Daquilo que é *mostrável* daquilo que não é. O silêncio tem muito a “nos dizer”, ou melhor, nos mostrar. Pois, “silêncio” é um limite filosófico, mas nem por isso deixa de representar uma fronteira intransponível para aquele que queira se aventurar. Apenas é mister que se caminhe “aparatado” com as ferramentas que possibilitem criar uma maneira de viver. Se Ética é buscar a maneira mais digna de se ver, a Estética é o motor imaginativo que possibilita aquela. Eis a estética da existência. Eis a estética do silêncio.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. 3.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999;
- ANDRADE, F. S. *Samuel Beckett: O Silêncio Possível*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001;
- ARRUDA, R. M. S. A influência do Tractatus no critério positivista de significado. *Revista de Humanidades de Valparaíso*, Goiás, ano 7, n. 13, p. 06 – 17, 14 ago. 2019.
- CONDÉ, M.L.L. *Wittgenstein: Linguagem e Mundo*. São Paulo: Annablume, 1998;
- DALL’AGNOL, Darlei. *Ética e Linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. 3.ed. Florianópolis: Editora Unisinos, 2005;
- LANDIM, R. F. Sentido e verdade no *Tractatus* de L. Wittgenstein. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, n. 02, p. 18 – 37, 1982.
- GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998;
- GATTI, Luciano. “Sou feito de palavras”: a(s) voz(es) narrativa(s) em *O inominável* de Samuel Beckett. *Revista Viso: Cadernos de estética aplicada*. n. 17. p. 103-132, dez. 2015.
- HADOT, Pierre. *Wittgenstein e os limites da linguagem*. São Paulo: É Realizações, 2014a;
- _____. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014b;
- _____. *O que é a Filosofia Antiga*. São Paulo: Loyola, 2014;
- LAUREANO, G. D. *As Expressões do Silêncio: Ética e Estética no Tractatus Logico-Philosophicus de Wittgenstein*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.
- LAOZI. *Dao De Jing: o livro do Tao*. São Paulo: Mantra, 2017;
- MARTINS, H. Dizer-mostrar o estranho. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 93-105, jan-jun 2012.
- MARQUES, J. O. A. Pensar o Sentido de uma Proposição. *Manuscrito*, Campinas, v. 18, n. 02. p. 185 – 197, out. 1995. Disponível em: <
<http://www.unicamp.br/~jmarques/pesq/wittgenstein.htm>>.
- MARTINS, Helena. Dizer e mostrar como performativos. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 32, [s.a.], n. 03, p. 633 – 645, dez. 2016.
- _____. Dizer e mostrar o estranho. *ALEA*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 93-105, jan-jun.2012.
- MONK, Ray. *Ludwig Wittgenstein: El deber de um gênio*. 2.ed. Barcelona: Editorial Anagrama, 1997;

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007;

PINTO, P. R. M. *Iniciação ao Silêncio: Análise do Tractatus de Wittgenstein*. São Paulo: Edições Loyola, 1998;

PORTA, M. A. G. *A filosofia a partir de seus problemas: didática e metodologia do estudo filosófico*. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RIBEIRO, H.J. Russel, Wittgenstein e a ideia de uma “Linguagem Logicamente Perfeita”. *Revista Filosófica de Coimbra*, Coimbra, vol. 14, [s.a.], n. 27, p. 81 – 130, mar. 2005.

TROMBETTA, G. L. O enigma do falso discurso no *Sofista* de Platão. In: FÁVERO, A. A.; TROMBETTA, G. L. RAUBER, J. J. (Orgs.). *Filosofia e Racionalidade: Festschrift em homenagem aos 45 anos do curso de filosofia da Universidade de Passo Fundo*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2002, p. 129 – 138.

_____. *Harmonia e Ruptura: a Crítica da faculdade do juízo e os rumos da arte contemporânea*. 2015. (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2017;